



Assinaturas - Barcellos 2 n.ºs 100 rs. — Fóra de Barcellos, 12 n.ºs 700 rs. - Typ. Folha Liberal-Barcellos

FESTAS DE CRUZES

HISTORIA

C.M.B.

Biblioteca

BARCELLOS MILITAR

(Sec. XV)

(Continuação)

Barcellenses: empregar n'estas festas tradicionais toda a vossa força de vontade, todo o vosso entusiasmo e dedicação, fazendo por que ellas tenham cada vez mais brilho e esplendor, é vossa dever.

São as festas, que attraem e nobilitam, pelo seu alto espirito patriótico: são ellas o roclame mais pratico, para o chamariz dos forasteiros, que depois se tornam visitantes assíduos.

As festas que se reali-am, nos dias 1, 2 e 3 de Maio, são as maiores festas annuaes, sem duvida, de todas as que se tem realisado; aquellas que apresentam, numeros de maior effeito, e d'uma verdadeira originalidade.

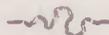
Destaca-se, de todos, a *parada agricola*, cortejo verdadeiramente descommunal, a que concorrem quasi todas as freguezias do concelho, com verdadeiras surpresas; o que dará um effeito verdadeiramente deslumbrante.

Este numero perfeitamente original, cujo effeito surprehendente deve deixar no espirito do forasteiro a ideia bem nitida da importancia da nossa riqueza *regional*, faz ao mesmo tempo acordar o povo, mostrando-lhe quanto pode a junção dos seus elementos.

Este numero é d'um grande alcance patriótico, não só como incentivo e exemplo; mas tambem pelos seus frutos immediatos, e porque mostrando ao forasteiro a nossa riqueza *regional*, mostramos-lhe o nosso futuro.

Pelo seu lado instructivo representa, uma lição proveitossissima; para os povos do concelho.

Exorcemo-nos todos para que estas festas sintetisem sempre o espirito emprehendedor e resolute que caracteriza todo o barcellense.



Por motivos imprevistos, sae este n.º com atraso, do que muita desculpa pedimos aos nossos leitores e colaboradores.

Depois das ligeiras considerações sobre a antiguidade da fortificação de Barcellos, que deixamos no penultimo numero d'esta revista, cumpre-nos agora descrever o seu traçado e constituição.

Transportemo-nos ao seculo XV.

O observador que, voltado para a villa, se collocasse sobre a fôrma-a ponte de pedra que liga Barcellos a Barcellinhos, tinha na sua frente, fechando a extremidade norte da ponte, uma elegante torre quadrangular, toda de cantaria e constituida por dois corpos sobrepostos.

O corpo inferior, cujo pavimento ficava precisamente ao nivel do leito da ponte, terminava superiormente em uma varanda ou galeria saliente, tambem de cantaria, sustentada em fortes cachorros de pedra, e irrendo ao longo das faces nascente, sul e poente da mesma torre. Sobre esta galeria assentava o segundo corpo da torre, tambem de forma quadrangular, mas um pouco retrahido e com portas para a galeria coberto por um telhado de ponto subido e circumdado de ameias, da que emergia a esguia chaminé de um fogão interior.

Da ponte entrava-se para o interior da torre por uma porta de arco de volta redonda, que era a porta principal da villa, havendo mais duas das mesmas dimensões e forma, uma na face do nascente, pela qual se entrava na rua dos Pellanes, hoje rua Faria Barbosa, e outra na face voltada ao poente, que dava para a antiga rua da Ponte, depois chamada do Terreiro e actualmente do Duque de Bragança.

Entre as duas portas lateraes da torre e na face opposta á ponte, mandou a camara municipal construir em 1631 uma fonte, que se abastecia das sobras do chafariz da Praça (hoje praça Municipal) e era conhecida pelo nome de fonte de Santa Monica.

Este bello specimen architectonico do seculo XV era a torre do monagem ou aleçova do Castello em que habitavam os donatarios da villa—os condes de Barcellos. D'ella damos uma zinographura, que é copia de um desenho authentico do seculo XVI, archivado na Torre do Tombo.

D'esta torre par iam as muralhas, que, como dois enormes braços de granito, cingiam em forte complexo toda a villa.

Constituidas de pedra solta e argamassa, muito altas e de espessura bastante para resistir ás armas do tempo (2.^m 80), tendo os adarves guarnecidos de fortes ameias de defesa, as muralhas fechavam um amplo recinto de forma polygonal irregular, limitado pela rua Faria Barbosa, largo da Porta Nova, ruas Barjona de Freitas, Nogueira e Terreiro, largo da Fonte do Baixo e viella das Vigandeiras.

Seguindo a muralha do nascente, o primeiro lango ou quadrella partia do cunhal da torre da Ponte e seguia até ao Pecegal, sempre á margem do Cavallo, e ahí terminava n'uma pequena torre ameada, que, junctamente com uma segunda cortina de muros exteriores, correndo parallelamente á muralha, defendia uma pequena porta ou postigo, que lhe ficava proximo. E' o postigo do Pecegal, que ainda hoje se vê bem conservado no quintal da casa do snr. Martins de Jesus, bem como a torre, já um pouco modificada, a nascente da varanda da casa dos srs. Condes de Villas-Boas.

Era por este postigo que os moradores da villa comunicavam com o rio, o que tinha grande importancia para o abastecimento d'agua em caso de assédio demorado; e, offerecendo uma sahida facil e occulta, servia tambem de porta falsa ou da traição, por onde se faziam as sórtidas e se escapavam os defensores da praça, quando não podiam por mais tempo prolongar a resistencia.

D'este postigo e torre damos tambem uma photogravura.

A alguns metros para nascente do postigo do Pecegal, subia a muralha em linha recta para a parte alta da villa, na direcção sul-norte; e, pouco mais ou menos, no local aonde hoje está o edificio do Banco de Barcellos, desviava-se um pouco para noroeste, indo terminar no largo da Porta Nova (antigo Campo da Feira) em outra torre de maiores dimensões que a da Ponte, mas de architectura muito mais singela.

E' uma torre quadrangular, muito alta, de paredes grossas (2.^m 50) e primitivamente coroada de ameias de defesa, que depois foram substituidas por outras de adorno, quando para ella mudaram a cade'a (1631 a 1636), que até então estava nas casas que hoje pertencem aos snrs. Machados Carmonas, no Apoio.

Tem esta torre quatro pavimentos, communicando os tres primeiros com uma escada de pedra, exterior, por onde tambem se subia ás muralhas, e o ultimo por uma escada interior, partindo do terceiro andar.

Na face voltada para a Porta Nova, ha no primeiro andar uma porta em ogiva e uma ja-

nella em cada um dos andares superiores, e na sua opposta uma janella no terceiro pavimento.

A face voltada para o Campo da Feira tem apenas uma janella no ultimo andar e na opposta uma porta nos tres primeiros andares, communicado todos com a escada exterior, e no ultimos duas janellas.

Como se vê, de todas as faces da torre a do noroeste, isto é, a voltada para a ermida de Sanct'Iago, hoje demolida, é a que tem maior numero de aberturas, o que se explica pelo facto de esta torre ter sido expressamente construida para defesa de uma das partes da villa—a Porta Nova.

Do cunhal norte da torre partia outro lango de muralha, que ia terminar um pouco adiante, na Porta Nova.

Esta porta dava sahida da rua Direita (antiga rua de Cruz de Villa) para o arrabalde do Salvador, ou, mais propriamente, para o antigo Campo da Feira e arrabalde da Vera-Cruz.

Chamava-se porta Nova (e não Nobre, como muitos erradamente suppoem) por ser tal vez a ultima construida, ou porque, depois de feita, soffreu quaesquer modificações tendentes a embellezala.

Que não era uma porta de architectura singela, como qualquer das outras, prova-o o facto de na parte superior do arco haver um oratorio de grandes dimensões, onde foi collocada a imagem de Nossa Senhora da Abbadia, que, depois, pela demolição d'esta porta, passou para a proxima ermida de Sanct'Iago.

Da porta Nova seguiu a muralha na mesma direcção noroeste, e, a poucos metros de distancia, desviava-se um pouco para poente, seguindo, depois, em linha recta e parallelamente á rua Direita, até á rua da Esperança, onde terminava em outra torre e porta, designadas torre e porta do Valle, e tambem da Esperança, por haver ali um pequeno nicho, onde alguns devotos veneravam a imagem de Nossa Senhora da Esperança, que em 1609 passou para um pequeno oratorio ou ermida no pavimento terceiro da torre, mandada construir por um tal João de Carvalho, homem nobre de Barcellos, e em 1730 foi collocada no altar da Trindade, da igreja Matriz.

Da porta do Valle partia de novo a muralha, e, descrevendo uma ampla curva semicircular, que contornava a rua de Fundo de Villa, o Terreiro e a viella das Vigandeiras, descia sobre a margem escarpada do Cavallo e ia terminar no cunhal do poente da torre da Ponte, fechando assim toda a villa.

Primitivamente, os muros de Barcellos não tinham mais do que as tres portas e torres que descrevemos, e os dois postigos—o do Pecegal e o da Fonte do Baixo.

Mais tarde, na primeira metade do seculo XVII, a camara, a pedido e por conveniencia dos moradores da villa, mandou abrir o postigo da Ferraria, que dava sahida da travessa da rua Direita para a Nogueira, e o da rua das Velhas, tambem chamado da Feira, por ficar a pequena distancia do antigo Campo da Feira.

O primeiro foi construido em 1631, e o se-



TORRE E POSTIGO DO PECEGAL

gundo em 1635, depois de a camara ter solicitado a competente auctorisação do conde e duque de Barcellos, D. João II.

O castello da villa ficava, como dissemos juncto da torre da Ponte, e era cercado de fortes muros ameidados, que o protegiam.

Ao mesmo tempo que servia de obra defensiva, era a residencia dos condes de Barcellos quando visitavam a villa; e talvez por este motivo, é que propriamente o castello não era o puzo dos Condes, mas sim a torre da porta Nova, onde residia o alcaide-mór.

Assim consta de um documento do archivo do nosso municipio—o instrumento de posse da alcaidaria-mór de Barcellos, dada a Antonio Paes Viegas, cavalleiro da Ordem de Christo, commenda-lor de Santa Maria da Caridade em Evora e secretario de el-rei D. João IV, que diz:

«Saibão quantos este instrumento de posse dada por virtude e authoridade de justiça e em virtude da carta do Duque n'esses senhor virem que no anno de Christo de 1638, aos 18 dias do mez de março do dito anno, n'esta villa de Barcellos e fortaleza d'ella, que está assmuros da dita villa aonde chamão a porta nova, que he o castello d'ella, etc. etc.»

(Vid. Reg. Ger. da Cim. de Barcellos (1635-1638) fl. 42 v.).

Temos, pois, uma extensa e forte cintura de muralhas, com suas portas e torres de defesa, envolvendo toda a villa, e no interior d'esta, n'uma elevação natural do terreno, sobranceira ao Cavado, o castello e torre de menagem, rodeado por seu turno de muros ameidados, que lhe diffultavam o accesso.

De todo este conjunto se vê que Barcellos possuia um systema de fortaleza em que, pela sua construcção e disposição, foram rigorosamente observados os principios fundamentais da arte de guerra, tanto pelo que diz respeito ao modo de combater, como ás armas geralmente empregadas durante a idade media

A. F.



COISAS VELHAS

Que n'tarda, não falta: diz o nosso povo na sua linguagem rude, mas, as mais das vezes, cheia de conceitos.

Sendo eu honrado pelo convite da illustrada redacção da *Barcellos-Revista*, para collaborar n'esse jornal, que vem dar realce á imprensa barcelledse, só agora, e muito á tronche-monche, posso fazer a minha apresentação tão cheia de desvalor como vasia de pretensões.

A carta, que d'essa illustre redacção me foi dirigida, com data de 21 d'este mez, pedindo-me original para o dia 26, só hoje, 25, me chegou aqui, e por obsequio do depositario da caixa postal de S. Pedro d'Alvito, do contrario lá ficaria eternamente !!

E eis a razão que justifica o eu ter dito que me apresento á tronche-monche.

É o *Barcellos-Revista* o 46—jornal, que tem vindo em Barcellos á luz da publicidade; o decimo n'no na classe das publicações litterarias, e o segundo na dos jornaes illustrados.

O primeiro jornal, que se publicou em Barcellos, foi, *O Barqueiro do Cavado*, litterario: *exercicios praticos da mocidade*, 13 de outubro de 1853. Foi seu fundador, e redactor principal, José Silverio da Cunha Osorio, e tinha a collaboração de José Vieira de Sousa Coutinho, que morreu abbade de Requião, e de José Maria do Rosario Villas-Bas, P.^o José Villas.

Era feito em uma typographia, muito reduzida, de Joaquim Alves de Sousa, á rua Direita, e impresso n'um prelo de madeira, pelo que sahia bastante imperfeita a impressão; foi esta pequena typographia, e esta publicação de *O Barqueiro do Cavado*, que animaram o José Alves Vallongo e Sousa a comprar mais typographia e um prelo de ferro, o primeiro que houve em Barcellos,ahi por 1855 ou 1856; e, se me não enganar, é o prelo que imprime a *Folha da Manhã*, pelo menos nasceu n'elle.

O *Barqueiro do Cavado* teve pouca duração; no dia da tiragem era um pagode por causa do prelo; era da gente arrebrantar a rir!

Os jornaes litterarios tem tido em Barcellos vidas muito curtas; o que durou mais tempo, o que foi o primeiro jornal illustrado que ahi tivemos, foi *A Lagrima*, que nasceu em 24 de abril, de 1892 e suspendeu pouco tempo em antes do Augusto Soucaux, seu fundador, sua vida e sua alma, embarcar para o Brazil.

Este quinzenario illustrado sustentou sempre um caracter hilariante, e, por vezes, com pilhas do graça.

As primeiras illustrações eram abertas, ao canivete em madeira, por Antonio Rodrigues Leite, ao tempo empregado commercial em casa de seu primo Anselmo Antonio Rodrigues Leite, e feito o jornal na typographia da *Folha da Manhã*, no Campo da Feira, e na casa em que está hoje a *Officina-Azylo do Menino Deus*.

Porque este quinzenario não deve receber artigos extensos, fico por aqui, prometendo continuar a fallar--hes dos jornaes de Barcellos, que, na sua maior parte, tiveram collaboração minha.

25—4—9.

A. PAES.



PICCOLEZZÈ

Modestas notas sobre linguagem

IV

NEO GALLICISMOS

—
ETALAGENS

No *Dia* e provavelmente em outros periodicos tem sahido annuncio da casa Viuva Thiago da Silva e C.^a, um, segundo julgo dos mais importantes estabelecimentos de ferragens de Lisboa subordinado á epigraphic—*Étalagens para estabelecimentos*.

Creio que a Casa Viuva Thiago da Silva e C.^a fabrica em suas officinas muitos e por certo recommendaveis instrumentos e objectos concernentes á industria que explora e em toda e a mais ampla latitude d'esta, mas se assim e se n'esse caso estão as "cozas que ella apregôa no dito annuncio, forçoso é confessar que o nome com que as designa importado directa e subrepticamente, sem pagamento dos direitos devidos á alfandoga e pela primeira vez, que eu o saiba, da França.

"Étalagens" é manifestamente a palavra franceza "étalage" que se traduz na nossa lingua por "exposição de fazendas", e não sendo de modo algum necessario importal-a para o nosso uso pois bem temos com que appropriada e acentuadamente significar o objecto por ella de-

signado, indisculpavel é sua invocação, e mais não serve ella do que a novo, sobre tantissimos, testemunho das do invencivel prurido que invencivelmente nos cocegueia e titila para cada vez mais abastardar-nos o nosso riquissimo e formoso idioma.

Quando se não queira usar para evitar a *étalage* dos termos referidos "exposição ou expositor de fazendas", bem se podem utilizar que a isso appropriadas as palavras "mostrador" ou "amostrador" ou escapate, todas portuguezas de lei, e bem frisando o objecto, ou ainda, por excesso de propriedade "mostruario" que vae já tendo os fóros de portugueza, e não destoa da sua construcção.

"Étalagens", porém...

Vade retro, satanaz!...

Se os estrangeirismos em nossa lingua escusados fossem severa e rjamente tributados por nossas leis, como objectos de mero e impensado o estolido luxo, podíamos bem cedo pagar tolas e as tantas, enormissimas dividas do Estado, consolidada e fluctuante, e nadarmos ainda em rios de dinheiro, tamanho, tão levantado e tão tão m-nstruoso é o acervo que d'elles estamos continuamente importando.

*

Depois d'escrípta a nota precedente, vi que outros estabelecimentos commerciaes que não a Viuva Thiago da Silva e C.^a annunciam tambem em outros jornaes que não o dia, as formosas *étalagens*...

Força da moda, igual á

Força da rima
A quanto obrigas,
Que de brancas
Fazes pretas as formigas

a que de neccidades levas ?!

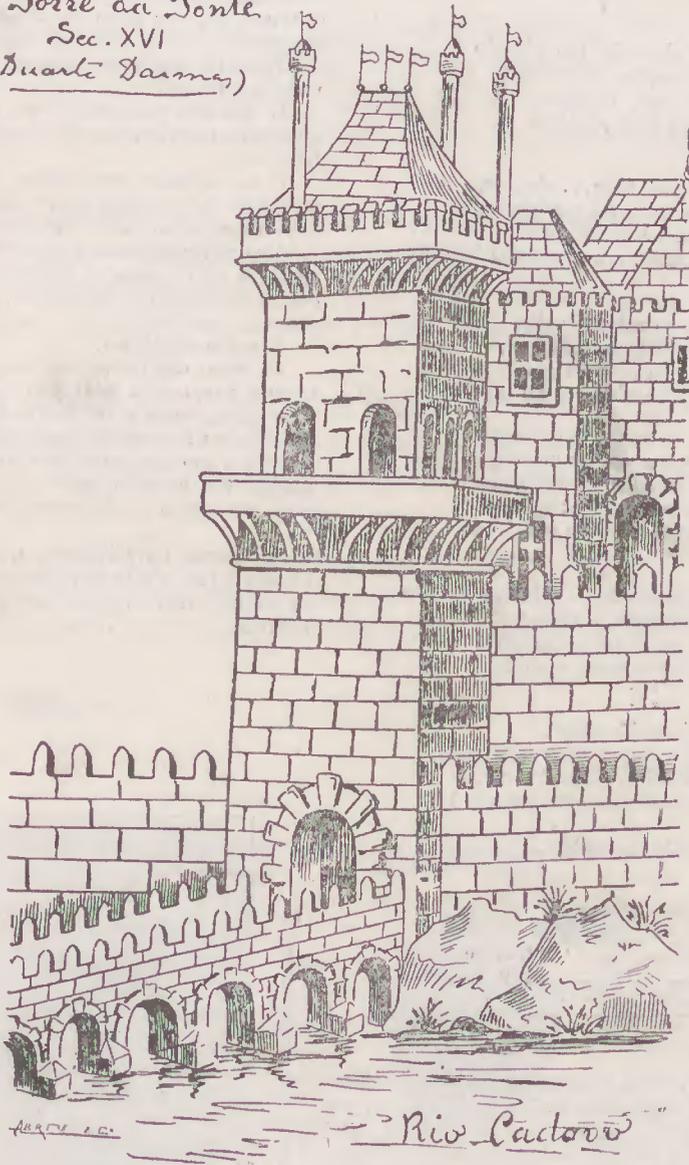
RODRIGO VELLOSO.



Tinhamos grande desejo de inserir, n'este numero, em grupo, a photographura de todos os membros da briosa comissão promotora dos imponentes festejos das Cruzes d'este anno para, por tal forma, a todos, manifestar-mos a nossa admiração pelo zelo e inexcedível patriotismo que ha pautado os seus esforços e trabalhos; porém, julgamos ser impossivel reunil-os a todos, para tal fim.

Mas julgamos prestar-lhes a mesma homenagem, publicando os retratos dos illustres presidente d'honra e presidente effectivo da briosa comissão, respectivamente, os snrs. Conde de Villas Boas e Tenente Nicolau Joaquim de Barros Bacellar—homenagem muito modesta mas muito sincera, que prestamos, gostosamente, a tolos aquelles que com tanto brio se tem empenhado na realisação das nossas festas.

Torre da Ponte
 Sec. XVI
 (Quarte Dama)



TORRE E PORTA DA PONTE
 A QUE SE REFERE O ARTIGO INTITULADO
 «BARCELLOS MILITAR»

PERFIS MASCULINOS

V

E' na charada um pimpão
E do Pimpão charadista;
'Toca piano, violão,
Certeiro feliz piadista.

Foi n'uma fuga... de gaz,
Infeliz, pois foi queimado;
E se não é perspicaz,
Fatalmente era apanhado !

Expõe no relógio velho
Da modesta loja escura,
Presos na porta d'espelho,
Dois primor's seus em pintura !

Chamou aves aos morecos,
Em charadas infructifras;
A quem riu disso: pategos !
São aves mas são manifras !

Elle, a creada, o caseiro,
O pintasilgo, o Guiné,
'Stão no velho lar caseiro:
Não foram para o chalet.

Usa joias de valor,
Quer antigas, quer modernas;
Vivo dhar, trigueira cõr,
Parentese as suas pernas !

DOIS AMIGOS.



CRHONICA LIGEIRA

Por toda a villa pairam o bulicio precursor das festas, das grandes festas de Barcellos, as festas das Cruzes, velhas como a devoção que memoram, mas sempre entusiasticas e ridentes, estralejando diversões d'effeito e trajando o figurino da epoca, sem perda da sua feição typica e tradicional, as melhores e mais vistosas pompas.

N'este anno, então, o traço tem um corte especial de novidade, com finas applicações de modernismo elegante.

Barcellos dá todo o relevo ás suas bellezas naturais.

O forasteiro não se arrepende de visita-la, apesar que a antiquissima villa se enfeita e cobre de gallas em homenagem a uma tradição de fidalga hospitalidade para com todos os seus hospedes.

Risonha e linda na perpetua formosura dos seus immercossiveis encantos, a esbelta rainha do Cavado ali se apresenta em *toilette* solemne, effectuando a sua recepção annual, á luz radiosa d'este sol, que promette manter-se em toda a pujança do seu triumphante dardejar.

Todavia, um largo sulco de tristeza lho annuvia a fronte.

E' que ella não pode ficar indifferente ante a enorme desgraça que feriu os povos de Ribabejo.

O seu primeiro movimento ao ter conhecimento da catastrophe, foi recolher-se n'este anno, ou suspender pelo menos as suas festas.

Mas reflectindo um pouco, preferiu antes levallas a effeito para as utilizar como meio mais effizaz de angariar donativos a favor das victimas.

E assim devia ser.

Os echoes das festas não chegarão a Benavente ou a Samora, a Salvaterra ou Albandra e Carregado, como n'tas de irrisão cantadas seu piedade em face d'um grande luto, mas com a voz d'um conforto positivo e pratica, que não se traduz em simples palavras de condolencia, mas em actos producentos d'utilidade effectiva.

Eia, pois, barcelenses, que as festas das Cruzes sejam n'este anno uma grande affirmição de solidariedade na desventura dos que tanto soffrem.

M.



CONDE DE VILLAS-BOAS

NO MAR

No firmamento azul, as trémulas estrellas
Apagaram-se. E o sol por entre a ramaria
Das nuvens, a brilhar, ridente de alegria,
Espalha ondas de luz por sobre as caravellas

Um lépido navio, abrindo ao vento as vellas,
No alcacento listão da curva fugidia
Do horizonte apparece, á luz do novo dia,
Qual destemido heroe a rir-se das procellas.

E do seio fatal das frias aguas cèrulas
Ergue-se em turbilhões a alvinitente espuma
Semelhando um tufão de lyrios e de pérolas.

Da frígida manhã esvae-se a densa bruma
E as vagãs a cantar as velhas notas quèrolas,
No dorso do vapor, dasmaiam d'uma em uma.

Porto—1909.

VAZ PASSOS.

APOIO

Lendo ha dias, mais uma vez, a «Noticia descriptiva de Barcello», do meu fallecido amigo Amarel Ribeiro, barcellense tão notavel pelo seu valor civico como enriquecido pela applicação do seu espirito brilhante, detive-me na sua referencia ao largo do Apoio, saudosissimo local para mim pelas recordações da sonhadora infancia.

O inolvidavel barcellense diz ali que o padre Carvalho da Costa (Corographia Portuguesa) chama á pequena praça Poyo, talvez por n'ella se acharem os fornos publicos e a que modernamente chamam Apoio, não sabemos com que fundamento.

Ora, por muitas vezes me tem influenciado a ideia (o que não exige de resto patente de invenção, pois já vem mencionado pelo Abbade do Louro na sua «Memoria Historica») que de-



Ten. Bacellar

Mendonça.

Conta-se n'esta villa que um dos Machados Carmonas, irritado pela prisão, bem que legal, de um seu criado, se dirigira á cadeia de Barcellos, com sete ou dez juntas de bois jungidas umas ás outras, e fizera arrancar as grades da enxovia, pondo o seu servical em liberdade.

O facto parece veridico, pois que ainda ha

vemos procurar a denominação exquisita do largo nas circumstancias que n'elle mesmo se davam.

O lado poente d'esta praça era todo constituido pelo solar dos Machados Carmonas, casa de antiga apparencia, onde vive ainda hoje, como seu representante, o ex.^{mo} sr. e meu velho amigo José Machado Carmona Salter do

bem pouco tempo, tres annos quan lo muito, antes das obras feitas para a installação da guarda da cadeia, a janella que existia encaixa-la no arco actual tinha vestigios de ter supportado outra grade de ferro, cajos buracos lacerados indicavam arrancamento.

O que não julgo real é que fôsse um Machado Carnoua, relativamente modernos, que praticasse aquella façanha; mas um mais antigo possuidor da mesma casa que tivesse largos privilegios.

Diz a tradiçào que por causa d'essa scena violenta contra a auctoridade do rei perdêra o nobre os seus fóros.

E' uma referéncia ao golpe de D. João 2.^o sobre o fundalismo.

O lado nascente do largo tinha uma bancada ou assento de pedra a todo o comprimento da casa que se demoliu para edificar em 1811 a que ora existe, feita por Athanasio de Sousa Pereira Lima.

Seria esta bancada de pedra pertença do solar fronteiro e prestaria defeza ou imunidade a quem lá se sentasse e P'ahi apoio?...

Significaria ella um direito antigo, sendo conservada de geraçào em geraçào, ou teia simplesmente a utilidade banal de conceder repouso aos frequentadores do antigo mercado?...

Não terá d'aquella maneira mais ou menos fundamento a exquisita denominaçào do largo?...

Dicant paduani.

O que nos deve merecer atençaõ é a lenda do arrancamento das grades da cadeia andar aliada a um possuidor do solar do Apoio, os assentos de pedra do mesmo largo e a situaçào do solar intra-muros, devendo esse terreno ter pertencido á fidalguia historica portugueza, fidalguia que, no dizer de Fernão Lopes no «Chronica de D. João 1.^o», desapareceu na sua grande parte para dar lugar aos mesteirares nobilitados pelo Mestre d'Aviz.

M. LIMA.



ANTIGUALHAS

D. João Affonso Tello de Menezes e Albuquerque

Foi o primeiro conde de Barcellos, titulo creado por el-rei D. Diniz em 8 de maio de 1298.

Até então havia condes, mas sem titulo particular de terra alguma. Juntaram ao seu nome este titulo.

Era castelhano e passou a Portugal em companhia de D. Isabel de Aragão (rainha Santa Isabel), quando esta casou com o referido monarcha em fevereiro de 1292.

D. Diniz fel-o tambem seu mordeno-mor.

Foi casado primeiramente com D. Thereza Sanches, filha de D. Sanchó III, rei de Castella, do quem não houve gerença, e em segundas nupcias com D. Maria Cronel, de que teve a D. Violante Sanches, que casou com D. Martin Gil de Souza, depois segundo conde de Barcellos e a D. Thereza Martins, que casou com D. Affonso Sanches, filho bastardo d'El-Rei D. Diniz e que foram fundadores do mosteiro de Santa Clara de Villa do Conde.

Segue-se o testamento de D. João Affonso Tello de Menezes e Albuquerque, 1.^o conde de Barcellos:

«Em nome de Deos amen. Eu o Conde Dom Joon Affonso, teimente minha morte, pero com todo meu eio et meu corpo sotterrar em o Mosteyro de Pombeyro, E porque eu fiz muytas malleitorias, et em muytos logares o que non podia dar recado, nem fazer dellas enenda assi como devia, mando que todolos dinheiros, e todalas cousas moveis, que eu ei, tambem os dinheiros que sabe o Mestre do Templo, e Gomes Paes, et Egas Lourenço, como os dinheiros que eston em Albuquerque para lavar esta villa, qui tragom todo a El Rey meu Senhor, o peço-lhe por mercê e pela fiansa que eu em el rei, que faça todo o dar pér Deos, que non fique ende nada, per aquelles a que el era tendo. E se el achar que eu trazia vinhas, ou casnes, ou herdades dalguem, como non devia, peço lhe per mercê que lhas faça entregar a seus donos, assim como el vir que direito será. Outro si mando a Gomes Paes, que dê o meu Castello d'Albuquerque que de mi ten, a meu Senhor El Rey. E vós, Senhor, devedes a saber que o feyto d'Albuquerque passos sempre em guisa que o ouvetom os filhos mayores. E peço a vós, Senhor, per mercê, que o entregredes a Torreja Martins, minha filha e vossa criada.

E, Senhor, bem sabe Deos, e vós, que sobre a minha fazenda, non ei outrom se non vós. E per fiansa que em vós avia leixo todo em vós. E per vós feste desto mais certo, mandei eu fazer esta minha carta aberta, et sellada com o meu selo nas costas, estando aleante Frey Estevon Martins, meu confessor, et Frey Martins Escola, da Ordem dos Pregadores et Egas Lourenço, meu clérigo.

Feyta em Lisboa cinco dias andados de mayo. Era de mil et trezentos et quarenta e dous annos. (1301 de Jesus Christo.)



Por falta de espaço, deixamos para o proximo n.^o diversos artigos.